Editorial

Este número de Estudos Bíblicos *tem por tema o* querigma. *No Novo Testamento, este termo indica o anúncio de Jesus Cristo, especialmente aos que ainda não o conhecem. Daí a distinção entre* querigma *(anúncio) e* catequese *(ou doutrina, ou ensino), dirigida aos cristãos já incorporados na comunidade eclesial. Distinção equivalente se fazia entre* missão, *dirigida aos não-cristãos, e* pastoral, *voltada para o "rebanho" já reunido na Igreja.*

Essa distinção perdeu muito do seu valor, porque hoje também os cristãos, vivendo num mundo secularizado, que questiona continuamente sua fé, necessitam voltar às bases dessa mesma fé e ao primeiro anúncio de Jesus. Por isso, hoje se fala, preferentemente, de evangelização, *indicando assim que não se pode fazer "pastoral" sem enfatizar suas razões e raízes, que estão no Evangelho; nem se pode fazer "missão" apenas com o anúncio, mas envolvendo também o testemunho da Igreja toda.*

*De qualquer forma, a necessidade de dar nova clareza e eficácia ao anúncio de Jesus Cristo – ou, e é a mesma coisa!, de dar novo ardor missionário à ação da Igreja – está se impondo na consciência cristã. Para a Igreja católica, a necessidade de uma "nova evangelização" foi tema de Santo Domingo (1992), bem como do Sínodo europeu de 1991 e de numerosos documentos papais (*Christifideles laici, *1988;* Redemptoris missio, *1991) e da Santa Sé (*Diálogo e Anúncio, *1991), mas nem sempre o conceito de "nova evangelização" parece ter alcançado a desejável clareza. Certos movimentos eclesiais têm ardorosamente defendido a necessidade de uma nova evangelização para o 3º milênio e de uma ênfase sobre o anúncio ou querigma, mas não escapam de discutíveis simplificações do problema, como quando reduzem o anúncio a proclamar o nome de Jesus ou pretendem preparar em cursos de dez dias novos evangelizadores.*

O querigma exige, por isso, um esclarecimento mais profundo. E o Novo Testamento, naturalmente, pode oferecer os elementos originários e autênticos desse aprofundamento.

O querigma não é, antes de tudo, um anúncio qualquer de Cristo, mas é um anúncio situado *e* dialógico.

É um anúncio situado, *porque se realiza sempre numa situação histórica e cultural determinada, dirigindo-se a comunidades e pessoas que possuem uma certa visão do mundo, uma certa expectativa da revelação divina, uma procura do sentido de sua vida e da realidade, marcadas pelas circunstâncias em que se encontram.*

É, por conseqüência, um anúncio dialógico, *como aliás dialógica é toda a revelação de Deus à humanidade (cf.* Dei Verbum, *2). O anúncio não é uma mensagem unidirecional. O anúncio é mensagem dirigida a um interlocutor. É um apelo à sua liberdade. É um convite à pessoa (ou ao grupo) para que se abra a novas perspectivas de vida e, aceitando-as, reestruture sua própria existência, direcione segundo novos rumos a sua vida ("conversão"). Não podemos, inclusive, ignorar que no ouvinte, que escuta o anúncio de Cristo e do seu Evangelho, o Espírito Santo já pode estar presente e ter posto aqueles "semina Verbi", aqueles germes da Palavra divina, que serão um elemento importante da aproximação ao Evangelho.*

Com isso já insinuamos que o querigma *não é apenas mensagem doutrinal ou mera informação, mas uma palavra que envolve toda a pessoa – tanto do anunciador (o* quéryx, *o evangelizador) quanto do ouvinte (o evangelizando). É uma experiência não apenas cognitiva, mas afetiva e existencial, que se realiza numa mudança de atitude e de vida.*

Naturalmente, como toda experiência humana de comunicação, o anúncio encontra seus obstáculos. Superficiais alguns, mas mesmo assim perigosos para a eficácia do anúncio. Profundos, outros, quando a mensagem evangélica esbarra no pecado humano, em estruturas de valores opostos aos que Cristo propõe. O querigma pode não ser entendido. Não só. Pode ser conscientemente recusado.

*Mas o pecado não está apenas do lado do ouvinte. Também o evangelizador pode falhar. Entre as muitas falhas possíveis, lembramos aqui a mais grave: a de que o anunciador se esqueça de que ele é apenas o "arauto" (*quéryx*) ou portador da mensagem, cujo autor é o próprio Deus. Se o anunciador não se deixar ele mesmo "tocar" pelo Evangelho, se não descobrir ele mesmo o valor da pessoa de Cristo e não se apaixonar por ela, dificilmente o anúncio poderá acontecer. Um pregador humano que apenas repita suas opiniões não deixa espaço para que realmente Deus fale.*

Dentro dessa perspectiva, apenas esboçada, pode-se entender melhor a riqueza das contribuições desse número de Estudos Bíblicos:

- *AIRTON J. DA SILVA, evocando a história do judaísmo dos séculos que precedem Cristo, ilustra a situação em que se deu o anúncio do Evangelho por Jesus e pelos seus discípulos.*
- *LEONARDO ALANATI complementa o estudo da situação do querigma cristão, ilustrando o proselitismo judaico na época do Novo Testamento.*

• *GENILMA BOEHLER põe em evidência a dimensão missionária de um texto de João (Jo 15), mostrando como ele traz embutidos os traços de uma visão eclesial voltada para a evangelização e o* anúncio.

• A dinâmica querigmática *em que o texto do anúncio se expressa e se realiza, visando a suscitar uma ação entre os ouvintes, é ressaltada por três colegas e amigos: MIGUEL ANGELO GUIMARÃES JULIANO, que ilustra globalmente, à luz da hermenêutica recente, o caráter dinâmico dos textos querigmáticos; GERALDO DÔNDICI VIEIRA, que aplica esse enfoque à interpretação de Mc 9,2-8; WALMOR OLIVEIRA DE AZEVEDO, que ilustra a dinâmica penitencial da conversão cristã a partir de Ap 2,5a.*

• *ALBERTO ANTONIAZZI, analisando três discursos dos Atos, mostra como o querigma atribuído a Paulo se adapta às diversas* culturas, *num esforço que hoje diríamos de "inculturação" do Evangelho.*

O papel do evangelizador *ou* quéryx *é abordado sob diversos ângulos por NILSON FARIA DOS SANTOS, que propõe um exame de consciência para o evangelizador a partir do livro de Jonas. Também é abordado por JOSÉ LUIZ GONZAGA DO PRADO, que mostra como o apóstolo Paulo se deixa evangelizar por seus ouvintes.*

O último artigo é de ALBERTO CASALEGNO, sobre exorcismo, *evangelização e Reino de Deus nos escritos de Lucas. É uma pesquisa, e portanto se diferencia do caráter mais pastoral dos outros artigos.*

Queremos agradecer, de modo especial, ao rabino Leonardo Alanati a sua colaboração. Foi a primeira e esperamos que não seja a última! Ela contribui para uma visão mais realista e positiva do judaísmo. Dessa visão temos bastante necessidade, porque nem mesmo todos os artigos deste número escapam de generalizações negativas sobre o judaísmo do tempo de Jesus e sobre o farisaísmo. Generalizações injustas que devemos superar por amor à verdade e aos irmãos do povo da aliança.

Apesar de uma ou outra falha, cremos, contudo, que o nosso número aborde de forma bastante completa os diversos aspectos do querigma, *considerando – numa variedade de enfoques – os principais autores do Novo Testamento: Mateus, Marcos, Lucas, João; os Atos do Apóstolos; Paulo; o Apocalipse.*

Tudo isso contribuiu para aumentar o tamanho do número 39, mas também lhe assegurou a qualidade. Esperamos que seja bem aproveitado e que o Novo Testamento inspire uma evangelização realmente nova.

Alberto Antoniazzi